

ESTÁGIO EM GEOGRAFIA NA PANDEMIA: um relato de experiências

Lucas H. PEREIRA¹; Rodrigo M. LUCAS²; Jennifer V. SILVA³; Melina M. de SOUZA⁴;

RESUMO

O presente trabalho é uma discussão e análise das vivências que os bolsistas do programa Residência Pedagógica viveram durante o primeiro módulo do programa e mantém foco sobre o ensino de Geografia durante a pandemia de Covid-19 e os seus impactos sobre a educação. De maneira geral, observou-se a inércia por parte dos alunos diante da situação que o ensino passa e as poucas interações sociais que decorreram disso, restritas ao espaço virtual, comprometendo a qualidade das observações e vivências *in loco* tão essenciais para o estágio, para a formação de professores e para a qualidade da educação.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Covid-19; Docência; Tecnologia

1. INTRODUÇÃO

Minas Gerais, como outras unidades federativas, por conta da pandemia de Covid-19, adotou um sistema remoto de ensino na sua rede estadual baseado nos Planos de Estudos Tutorados, os PETs, que consistem em materiais para os alunos prosseguirem com os estudos de sua casa, respeitando as normas de segurança sanitárias. Como pontua Oliveira e Souza (2020), o direito à educação, constitucionalmente garantido a todos os cidadãos brasileiros e aqueles estrangeiros em território nacional, foi abruptamente abalado diante da nova realidade imposta pela pandemia e a desigualdade na forma como ele impactou os estudantes.

Posto isso, o presente trabalho tem como objetivo discutir e analisar criticamente, com base em nossas vivências enquanto residentes e estagiários, as dificuldades em relação ao ensino de geografia nesse contexto e também como esta ciência pode nos ajudar a compreender este momento. Deve-se também destacar que é importante nos atentarmos às questões relativas às interações sociais e observações durante o período do estágio, contextualizadas no sistema remoto de ensino, pondo um olhar crítico sobre as experiências, sobretudo as problemáticas observadas. Contextualizar uma discussão acerca do estágio e da Residência, acerca do atual momento de pandemia e crise sanitária e econômica é de suma importância para observarmos criticamente e,

¹Residente, Licenciatura em Geografia, IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas. E-mail: pereira.lucashenri@gmail.com

²Residente, Licenciatura em Geografia, IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas. E-mail: rodlucaclavman@gmail.com

³Docente Preceptor, EE Francisco Escobar– e-mail: jennifersjdr@yahoo.com.br

⁴Docente Orientador, IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas. E-mail: melina.souza@ifsuldeminas.edu.br

assim, compreendermos o atual momento da educação pública no Brasil e suas implicações sobre a formação docente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como base teórica para a construção deste texto, recorreremos à obras que discutem a realidade do ensino e do estágio durante a pandemia causada pelo novo coronavírus, contextualizando-as sobre a ciência geográfica para embasar nossas experiências. Dessa forma, fez-se uso de Oliveira e Souza (2020), Cigales e Souza (2021) e Santana Filho (2020) para discutir e refletir sobre a educação nesse período de tempo; Pimenta (1995) nos auxiliou para compreensão do estágio curricular e a Lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020 nos situou quanto o embasamento legal.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para a construção deste trabalho, nos assentamos sobre o modelo de relato de experiência, onde discutimos algumas vivências na educação básica durante a pandemia sob a perspectiva de estagiários e residentes do programa Residência Pedagógica. Para isso nos fundamentamos com uma análise e revisão de bibliografia produzida acerca do tema aqui discutido.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em razão da pandemia, a Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, dispensa algumas obrigadoriedades da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em caráter excepcional, dentre as quais está a vigência do número de dias mínimos de trabalho escolar para a educação básica (BRASIL, 2020). Um ponto que merece ser destacado, que será de suma importância para nossa análise, é o parágrafo 5º do artigo II da Lei nº 14.040/2020, onde pontua-se que:

Os sistemas de ensino que optarem por adotar atividades pedagógicas não presenciais como parte do cumprimento da carga horária anual deverão assegurar em suas normas que os alunos e os professores tenham acesso aos meios necessários para a realização dessas atividades. (BRASIL, 2020).

Como pontuado no trecho acima, fica a cargo dos sistemas de ensino a organização das atividades pedagógicas durante o período de calamidade pública. No sistema estadual de educação em Minas Gerais, da qual a escola que trabalhamos faz parte, adotou o sistema remoto de ensino baseado nos PETs (Planos de Estudos Tutorados), que consistem em instrumentos para a realização desta modalidade de ensino e abarcam os quatro níveis de ensino básico: a educação infantil, o

ensino fundamental (anos iniciais), o ensino fundamental (anos finais) e o ensino médio. Essa ferramenta de ensino consiste num material categorizado de acordo com as disciplinas de cada nível de ensino, e com conteúdos que se referenciam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Posto essa contextualização podemos discutir alguns pontos observados ao longo do primeiro módulo da Residência Pedagógica, onde atuamos de maneira remota com os estudantes para trabalharmos temáticas da ciência geográfica. As atividades realizadas centraram-se na criação de conteúdo digital para a plataforma de vídeos online do Google (YouTube), a sua produção era assentada em temas da Geografia, que poderiam ou não ter relação com aqueles presentes nos PETs que os alunos estavam trabalhando. Deve-se, neste ponto, salientar que uma das principais problemáticas encontradas estabelecendo essa dinâmica de estágio foi a desigualdade tecnológica, reflexo das desigualdades sociais acentuadas pela pandemia no Brasil.

As problemáticas da desigualdade tecnológica se estendem sobre a prática docente, onde se manifestam a partir de um encantamento acrítico, como posto por Santana Filho (2020),

Há uma parcela docente que vive isto tudo de modo crítico, refletido e com responsabilidade. E claro, uma grande parcela que atua de maneira acrítica e deslumbrada com a tecnologia, encanta-se com o potencial descoberto no aprendizado, mas não olha o horizonte para conferir se permanecerá nele; nem sequer pondera sobre o lugar privilegiado da escola como espaço de encontros. Os efeitos imediatos e vindouros sobre a vida docente é algo que será ainda muito investigado, mas o que se vive e se compartilha hoje não é animador. (p. 10).

Achar que o ambiente digital seria tão somente a única solução para o prosseguimento do sistema remoto de ensino é idealismo, compreender criticamente as limitações existentes na tecnologia para a educação, sobretudo no que se refere ao contato social, é compreender de maneira contextualizada a situação da educação.

O ambiente digital criado em grupos de conversa por aplicativo de mensagem é uma solução, mas não se pode desconsiderar que, segundo Santana Filho (2020), apesar de amplo o acesso a celulares (*smartphones*, diga-se de passagem) pelos estudantes, isso não implica em acesso à internet e disponibilidade ilimitada de dados para esses fins. Essa situação foi encontrada na escola estadual de atuação do programa, onde as poucas interações docente-discente foram estabelecidas por essa via, em que raras as vezes os alunos participavam, questionavam ou apenas conversavam, como outrora visto no espaço físico de uma sala de aula.

Por fim, se entende como estágio, segundo Pimenta (1995), como atividade que instrumentaliza a práxis educacional, ou seja, a teoria e a prática, sendo entendido como um processo formativo e contextualizado, como também salienta Cigales e Souza (2021). Dessa forma, pontuando algumas dificuldades relacionadas à formação docente através do estágio diante do

sistema remoto de ensino, entende-se que uma das problemáticas causadas pela pandemia e que impactou a atividade de estágio reside justamente na ação contextualizada, que se tornou mais dificultosa diante de tal situação, onde a não presença e inserção do futuro docente na comunidade escolar e nas suas consequentes interações sociais cria um vácuo na sua formação.

5. CONCLUSÕES

Por meio do debate utilizado na construção deste trabalho, observa-se que o ensino remoto durante a pandemia foi uma alternativa de caráter emergencial e provisório para a não descontinuidade do ensino. Aspectos como a ausência da sociabilidade, com a qual os alunos e também nós estávamos habituados, acabou por ser um dos obstáculos. Deve-se acrescentar ainda a carência em recursos tecnológicos, que seria a principal ferramenta de ensino nas casas de cada estudante. Portanto, esta modalidade de ensino, mesmo que demonstre várias deficiências e imperfeições, ainda deve ser usada como recurso de distanciamento e, futuramente, nas aulas presenciais, utilizado como importante ferramenta de apoio no ensino. Por fim, é de suma importância questionarmos sobre as condições que o estágio está ocorrendo, e se realmente temos consciência da realidade que estamos experimentando no âmbito escolar, mesmo à distância.

AGRADECIMENTOS

Nós, enquanto bolsistas, agradecemos ao Programa Institucional de Residência Pedagógica - RP, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil pela oportunidade de participarmos do programa e pelo apoio institucional e financeiro recebido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei n. 14.040 de 18 de Agosto de 2020*. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14040.htm>. Acesso em: 05 de mar. 2021

CIGALES, Marcelo Pinheiro; SOUZA, Rodrigo Diego de. *O Estágio Curricular Supervisionado em tempos de pandemia: um debate em construção*. Revista Latitude, v. 15, edição especial, jan. 2021, p. 286-310.

OLIVEIRA, Hudson do Vale de; SOUZA, Francimeire Sales de. *Do Conteúdo Programático ao Sistema de Avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (covid-19)*. BOCA: Boletim de Conjuntura, v. 2, n. 5, 2020, p. 15-24.

PIMENTA, Selma Garrido. *O Estágio na Formação de Professores: unidade entre a teoria e prática?* Caderno de Pesquisa São Paulo, n. 94, 1995, p. 58-73.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. *Educação Geográfica, docência e o contexto da pandemia Covid-19*. Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19, 2020, p. 3-15